TRANSMISSÃO:
A "LITURATURA" COMO ESCRITA?

Ângela Mucida

Inicio por uma questão do texto "Psicanálise: transmissão e ensino" , buscando dar a ela outros contornos. - Qual será o tratamento possível dado ao "lixo", aos restos, na "escola que queremos"? Ou seja, como sustentar uma transmissão pela letra e pela clínica dos nós? Barthes em *O prazer do texto*" faz uma distinção entre escritor (texto) de prazer e escritor (texto) de gozo. Entre um e outro não há comunicação. De um lado, a margem sensata da linguagem , lugar dos enunciados e , de outro, a margem vazia, móvel, deslocável- lugar das enunciações. Do texto de prazer é possível falar, é dizível, o texto do gozo" é in-dizível , inter-dito". (Barthes,1996: 31). Como dirá Lacan, sendo o gozo interditado ao ser falante ele só pode ser dito entre-linhas.

Fora da crítica canônica, o texto de gozo só pode ser atingido por um outro texto de gozo, pois acolhê-lo é acolher a falta ou a inconsistência do Outro, é acolher o furo no qual toda escrita se inscreve, é transitar nas lituras, nas fissuras que rasgam a língua. Litura é um neologismo criado por Lacan que não advém de *littera* (latim) – letras, mas da raiz latina de *lino*, *litura, lituratus*, tendo o significado de risco, alteração, mancha e terra. O que este ponto de *Lituraturra* nos assinala conforme o *Seminário 20,* é a própria estrutura da letra: algo que pode ser apagado, rasurado, alterado e que, nem por isto, desaparece enquanto letra.

Uma analogia com a transmissão e o relato do passe

O *escritor*: o analista confrontado com a produção de um *texto;* relato de uma experiência, "tratamento" dos restos. - Como isso se transmite de forma a produzir um furo no saber? - De que forma o estilo, enquanto objeto, pode causar o desejo no enlaçamento de outros nós na comunidade analítica? Poder-se-ia pensar aqui no estilete que faz nó. Como o que corta pode fazer nó?

Em *Lituraterra* Lacan assinala um deslizamento da letra para o lixo: resíduo, resto, a saber, a letra enquanto um significante depurado dos efeitos de sentido. É nessa via que pode ser pensado um texto de final de análise. Se o final de análise pressupõe a invenção de um significante novo, ele só é novo pelo corte que incide na cadeia significante. Ele é novo pela nova ordenação dessa cadeia, pela introdução de um outro sentido; um passo de sentido além da lógica do todo. Uma nova ordenação da cadeia, uma escrita, como assinala Duras, que *"se funda numa coisa curiosa(...) uma contradição e também um absurdo. Escrever é também não falar. É se calar . É berrar sem fazer barulho"* (Duras, 26). Um discurso, dirá Lacan no *Seminário 17, "como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasioanal. O que prefiro, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras"*. Discurso, portanto, que não se "esbanjando no vazio da palavra" é capaz de suportar o sem sentido, o nada. Transportando uma letra vazia, uma ausência , deixa sempre um resto que causa. *"(...) o texto produz em mim o melhor se consegue fazer-se ouvir, indiretamente; se lendo-o, sou arrastado ...a ouvir outra coisa"* (Barthes, 35).

Literatura e *lituratura*

Lacan afirma, a propósito do traço unário, que *"é pelo apagamento do traço que se designa o sujeito. Ele é marcado , pois em dois tempos; eis aquilo que é rasura, litura, lituraterra (Lituraterra, & 55).* O S1 é, portanto, metaforizado como a rasura, litura, lituraterra. *"Litura pura é o litoral."* Ou, de outra forma, "entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral que vira literal". Isto pode ser visualizado no discurso do analista: entre o saber (S2) e o gozo (a) está o S1: a à $ \ S2 à S1.

Rasura de nenhum traço que seja anterior, eis o que faz terra do litoral, *litura* pura é o literal. Produzir esta rasura é produzir esta metade de que subsiste o sujeito. *"(...) o que de gozo se evoca no romper de um semblante é o que,(...) no real se apresenta como sulco."* (Lacan, 26-28)

Assim, se o sujeito é dividido pela linguagem, ele pode se colocar numa referência à escritura – na sulcagem, na rasura, nesse encontro com o impossível - ou numa referência ao exercício da palavra. Isso marca uma diferença.

Ir da letra ao lixo, diz Lacan, é o que de melhor poder-se-ia esperar na análise em seu fim. Sua preocupação, como demonstram suas formalizações em torno da letra, é então extrair os aspectos da linguagem que possam dar conta dos pontos cruciais da psicanálise em seu fim, formalizando-os. A passagem do significante à letra, enquanto destacável, manuseável, transformável; a escrita na dimensão da rasura, da letra , expõe tal preocupação. A introdução de metáforas como rasura, sulcagem, litura, estilete, compõem um conjunto que, estando do lado do descontínuo, busca nortear as possíveis trilhas dessa formalização. Acomodação dos restos? É essa a definição que Lacan dá à literatura.

"Acomodar" tem vários sentidos em português: conformar, adaptar, serenar, aquietar...ou ainda, disposição , ordenação. Se a tomamos como uma certa ordenação dos restos , uma maneira de tratar o lixo, transformando aquilo que não serve para nada - o gozo - em algo que coloca o sujeito em marcha, podemos , quem sabe, transpor a frase lacaniana, dizendo: o final de análise produz uma escrita particular de acomodação dos restos, uma *lituratura.*

Sendo *lituratura* que espécie de "crítica", de passo de sentido, ou de lógica do passe teremos de sustentar?

De início talvez uma crítica que possa pescar com "a palavra o que não é palavra" (Lispector)

Referência bibliográfica

BARTHES, R. *O prazer do texto.* São Paulo: Perspectiva,1996.
DURAS, M. *Escrever* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
LACAN, J. *O seminário. Livro 20. Mais Ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
————. *Lituraterra.* In: Che vuoi, Porto Alegre, 1986.
————. *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise* .Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
LISPECTOR, C. *Água Viva*, Rio de Janeiro,1998.